



ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO NORTE  
 Nº 20 — 2ª SÉRIE JUNHO DE 1971 PREÇO \$0

## ALARGA-SE A LUTA DOS PEQUENOS CAMPONESES CONTRA OS SERVIÇOS FLORESTAIS

Os pequenos camponeses da freguesia do PRÉSTIMO (concelho de Águeda), animados pelo exemplo da vizinha freguesia de Talhadas, iniciaram a luta contra os roubos e prepotências dos Serviços Florestais.

Os habitantes do Préstimo realizaram várias reuniões, algumas delas com enorme concorrência e a presença de delegados de Talhadas do Vouga. Muitos camponeses apareceram com documentos comprovativos dos seus direitos que há mais de 40 anos vêm sendo espezinhados pelos Serviços Florestais.

Na base dos factos apurados nessas reuniões e apresentando as suas justas queixas e reivindicações, os habitantes da freguesia elaboraram uma longa exposição para ser enviada ao Governo, que tem sido assinada pela população em peso.

Vários jornais, do concelho de Águeda e até de Lisboa, têm-se feito eco das legítimas reclamações e aspirações do povo do Préstimo.

### O povo de Talhadas mantém-se firme

Numa nova exposição enviada ao Governo em 20 de Março e assinada por TODOS os chefes de família da freguesia, o povo de Talhadas do Vouga dá uma resposta bem firme ao officio da Secretaria de Estado da Agricultura de meados de Fevereiro. Nesse officio eram negadas as acusações e iludidas as reclamações feitas pelo povo de Talhadas contra os Serviços Florestais na sua primeira exposição apoiada por 766 assinaturas — isto é, por toda a população com excepção das crianças e dos ausentes.

Bem unido, e sem se deixar amedrontar, o povo de Talhadas matém firmemente nesta exposição de Março as anteriores acusações contra os S.F., fundamenta com provas os roubos e arbitrariedades de que tem sido vítima, levanta as mesmas reivindicações da sua primeira exposição:

— Que sejam restituídos aos seus legítimos donos todos os bens particulares usurpados pelos Serviços Florestais.

(cont. na pág. 4)

## APROVEITEMOS AS « ELEIÇÕES » DAS JUNTAS DE FREGUESIA

Vão realizar-se em Outubro « eleições » para as Juntas de Freguesia. Evidentemente que com cadernos eleitorais cozinhados pelos rascistas, sem liberdade de formação e actuação dos partidos políticos, sem liberdade de propaganda e sem uma fiscalização autêntica de todos os actos eleitorais, estas « eleições » serão mais uma farsa demagógica do Governo de Marcelo Caetano.

Contudo, o facto de se tratar de « eleições » fascistas, não deve levar o povo a abandonar esta frente de luta pelos seus direitos e reivindicações. Nas aldeias, vilas e cidades devemos aproveitar a oportunidade das « eleições » para realizarmos assembléias populares onde se discutam os nossos problemas e se assentem as reivindicações cuja satisfação devemos exigir das Juntas e do Governo. Por toda a parte onde isso fôr possível

(cont. na pág. 2)

# OS MONOPÓLIOS ASFIXIAM A AGRICULTURA

Muitas cooperativas de pequenos agricultores das regiões produtoras de fruta estariam interessadas em montar fábricas de compotas e frutas em conserva, como forma de garantir preços compensadores aos fruticultores e o escoamento da sua produção em boas condições, quer para o mercado nacional, quer para a exportação.

Porque não o fazem?

Há várias razões que o impedem. A primeira, e principal, é o elevado preço do açúcar, verdadeiro preço de monopólio que atinge em Portugal o dobro dos preços internacionais.

Para incentivar o desenvolvimento da industrialização das frutas a Espanha assegura a este ramo industrial açúcar cubano ao pre-

ço de 1\$70 o quilograma, muito abaixo portanto dos preços correntes.

Em Portugal, com açúcar a tão altos preços, torna-se impossível às cooperativas dos pequenos agricultores montarem a indústria de conservas de fruta que exige grandes quantidades de açúcar.

O monopólio da produção de açúcar de cana, nas mãos das empresas colonialistas interligadas: Sena Sugar Estates (capitais ingleses), Companhia de Açúcar de Angola e Refinarias de Açúcar Reunidas, tem obrigado o governo fascista a proibir a produção em Portugal de açúcar de beterraba. Para defender os interesses deste monopólio, Portugal é o único país europeu onde não se produz açúcar de beterraba, ao mesmo tempo que o açúcar é no nosso país, o mais caro da Europa.

Desta forma, um monopólio asfixia duplamente a agricultura, impedindo o desenvolvimento duma indústria que permitiria aos produtores agrícolas o escoamento de grandes quantidades de fruta e obstaculizando a produção de beterraba, cultura para a qual existem condições excepcionais quer em Portugal continental, quer nos Açores.

Se alguns grandes industriais como os da COMPAL e outros, montaram em Portugal fábricas de sumos, concentrados e conservas de frutas, não foi pelas facilidades concedidas pelo monopólio do açúcar, mas sim porque conseguem bons lucros graças aos preços vis que pagam aos pequenos produtores seus fornecedores de fruta. Para lhes garantir esses lucros, lá está o governo fascista que, por intermédio da Junta Nacional das Frutas, mantém preços miseráveis pela fruta ao produtor, enquanto o público consumidor a tem que comprar a preços proibitivos.

E é assim que debaixo da ditadura fascista, protectora dos monopólios, até mesmo a indústria das conservas e sumos de frutas que noutros países tem ajudado o desenvolvimento da agricultura serve, em Portugal, para asfixiar e explorar ainda mais os pequenos agricultores.

Os agricultores interessados em industrializar as suas frutas devem exigir que o governo tome medidas para que lhes seja fornecido açúcar aos preços que vigoram noutros países da Europa.

## APROVEITEMOS AS « ELEIÇÕES » DAS JUNTAS DE FREGUESIA

(cont. da pág. 1)

devemos apresentar listas de candidatos às Juntas e mobilizar o Povo para apoiar os seus candidatos. Nas regiões rurais, eleger Juntas de homens sérios e fiéis ao Povo é mais viável do que nas cidades e particularmente importante.

Todos sabemos que as nossas aldeias estão votadas pelo Governo ao mais completo abandono. O Governo, através dos Serviços Florestais, roubou-nos os baldios do povo; não temos estradas capazes, ou não as temos pura e simplesmente; não temos electricidade (salvo em poucas aldeias); as escolas são poucas, longe e más; não temos assistência médica digna desse nome; enfim, não temos estas nem muitas outras coisas indispensáveis.

Aproveitemos, portanto, as « eleições » para as Juntas de Freguesia para lutarmos por tudo aquilo a que temos direito.

Formemos desde já Comissões para apresentação de listas de candidatos honestos e que saibam defender os nossos interesses, para elaboração dos cadernos reivindicativos das Freguesias, assim como para a convocação das reuniões e assembléias.

As eleições estão à porta. Não podemos perder tempo.

## A RESISTÊNCIA DOS VINICULTORES CONTINUA VITORIOSA

Continua vitoriosa a resistência dos vinicultores do distrito de Viseu ao pagamento da taxa de \$20 por litro de vinho produzido.

A Junta Nacional do Vinho, depois da tentativa de enganar os produtores na reunião de S. Pedro do Sul, recuou e mantém-se na expectativa. Isto deve-se à atitude firme de protesto de mais de duas centenas de vinicultores presentes nessa reunião que mostraram claramente a sua unidade e desmascararam as manobras da Junta e do Governo.

Numa carta que recebemos dum vinicultor, ele relata:

*«Um deputado fascista foi desmascarado na reunião dos vinicultores em S. Pedro do Sul ao convidar todos os proprietários ao pagamento da taxa dos \$20 sobre cada litro de vinho. Na verdade sua excelência esquecera-se de que na campanha «eleitoral», dentre as muitas mentiras que semeou, conta-se o anúncio que fez, juntamente com outros candidatos capangas da União Nacional, de que seria abolido o dito imposto. Pois a resposta de todos os agricultores da região não se fez esperar... todos se recusaram a pagar! É necessário que todos os outros vinicultores abrangidos pela taxa si-*

*gam este exemplo. Para que serve este dinheiro das taxas? Nada para beneficio da lavoura. Serve, sim, para custear as despesas duma tremenda máquina de guerra que é a desgraça do Povo português.»*

Tem razão o nosso correspondente. Os vinicultores devem manter, unidos, a recusa ao pagamento da taxa e estar atentos a todas as manobras de divisão que a Junta não deixará de tentar.

Sabemos que no concelho de Castro Daire alguns pequenos camponeses se deixaram intimidar e pagaram a taxa. Cada quebra da unidade, mesmo em pequena escala como esta, é prejudicial à maioria.

O exemplo a seguir é o da grande maioria dos vinicultores de Castro Daire que não estão dispostos a ceder, assim como os dos outros concelhos do distrito de Viseu que continuam a resistir. Para fortalecerem a sua unidade e conseguirem a abolição da taxa os vinicultores devem unir-se e protestar todos juntos, com concentrações e abaixo-assinados junto das Câmaras e dos Grémios.

## NOVA OFENSIVA CONTRA O VINHO «AMERICANO»

Está em preparação um novo decreto que pretende obrigar os agricultores a arrancarem todas as videiras que produzem o chamado «vinho americano». Sabe-se que o governo tenciona mandar arrancar pela força estas videiras.

Esta medida vai causar enormes prejuizos à grande maioria dos pequenos agricultores do Norte. Se quase todo o pequeno agricultor nortenho produz vinho «americano» é porque este tipo de videira é mais resistente, exige menos tratamento e menos mão de obra ficando assim mais barato.

O vinho «americano» tem muita procura no Norte, por ser muito apreciado e de baixo preço. Por isso os grandes vinicultores querem acabar com esta concorrência. Não estão interessados em produzir vinho «americano» porque produzem para a exportação e este tipo de vinho não tem saída para o estrangeiro. Liquidando os pequenos produ-

tores de vinho «americano» vencem a sua concorrência ganhando no Norte novos compradores para os seus vinhos.

Não é, pois, em defesa da qualidade do vinho que o governo actua, mas sim em defesa dos grandes vinicultores que, dominando a exportação, também querem açambarcar todo o mercado interno.

Não só os pequenos produtores do Norte ficarão gravemente prejudicados com esta medida do governo, mas igualmente os consumidores habituais dum tipo de vinho do seu agrado e mais acessível às suas bolsas.

Sabe-se já que em várias regiões os pequenos agricultores não estão dispostos a permitir a entrada dos fiscais do governo e da Junta nas suas propriedades. Estão firmemente decididos a resistir pela força ao arranque das videiras. Este é realmente um dos caminhos a seguir, se querem defender os seus direitos e os seus interesses.

## ALGUMAS VERDADES SOBRE AS GUERRAS COLONIAIS

Segundo números oficiais já foram gastos com as guerras coloniais mais de 86 milhões de contos.

Perguntamos: com 86 milhões de contos quantas casas, hospitais, escolas, fábricas se poderiam construir, quantas medidas de protecção à agricultura poderiam ser levadas à prática para benefício de todos nós? Onde foi o governo arranjar em 10 anos esses 86 milhões de contos? — Sabem-no os trabalhadores que bem sentem o peso da exploração e da miséria, sabem-no os camponeses que em 10 anos têm vindo a ser esmagados por um constante aumento dos impostos, taxas e alcavalas, sabe-o todo o povo português que dia a dia tem visto subir o custo de vida de forma brutal.

Para quê? Para defender a integridade do nosso território e a «honra da Pátria» como dizem os fascistas e os falsos patrioteiros? Mas são eles, os mesmos fascistas e patrioteiros, que vendem pedaços do nosso território e o que de melhor tem Portugal aos imperialistas estrangeiros! E enquanto esmagam a ferro e fogo o legítimo anseio de independência dos povos de Angola, Guiné e Moçambique, os fascistas que apregoam a defesa da «integridade do território» vão vendendo e entregando as riquezas das colónias aos imperialistas estrangeiros.

A mentira foi, e continua a ser, uma das armas mais utilizadas pelos senhores do regime. Daí procurarem esconder os verdadeiros interesses que os movem a fazer as guerras coloniais.

Não dizem que são os sujos interesses dos colonialistas e dos roceiros, os lucros do grande capital português e estrangeiro que explora as riquezas das colónias, que os levam a fazer essas guerras criminosas e desprestigiantes para Portugal.

Acusam os patriotas dos movimentos de libertação das colónias de cometerem crimes sobre as populações brancas. Não divulgam porém os crimes que durante séculos de exploração cometeram contra os povos coloniais: pilhagens, escravatura, desfloramento de crianças, assassínios em massa, repressão brutal contra os que tinham a coragem de protestar contra os crimes e prepotências dos brancos; nem falam dos crimes que têm co-

metido nestes 10 anos de guerra: o bombardeamento com napalm de aldeias indígenas queimando velhos, crianças e mulheres, o extermínio de populações inteiras, o degolamento de patriotas africanos.

Desde o início das guerras que dizem ter praticamente a situação dominada e que só um pequeno número de patriotas dessas colónias lutam com armas na mão.

Afinal o que vemos nós? As guerras continuam, o número de soldados portugueses mortos aumenta de dia para dia. Um número cada vez maior de soldados, sargentos e oficiais desertam para não se comprometerem nesse crime monstruoso.

Quantas vidas de jovens foram sacrificadas? Quantos milhares de jovens ficaram para sempre estropeados ou com a saúde arruinada? Quantas lágrimas, quanto luto, quantas viúvas e orfãos?

Isso não dizem os fascistas. Disso não falam os falsos patriotas!

Mas sabe o nosso povo e não o esquece. Porque é ele o mais sacrificado. Porque são os seus filhos que lá tombam ou ficam arruinados.

Em cada aldeia, em cada vila, temos que denunciar as guerras coloniais.

Nos funerais dos nossos jovens caídos nessas guerras, temos que denunciar os responsáveis pela sua morte!

Fazendo-o, contribuímos para pôr fim a essas guerras criminosas!

### ALARGA-SE A LUTA...

(cont. da pág. 1)

— Que os Serviços Florestais restituam ao Povo da Freguesia de Talhadas os baldios que a este pertencem.

A luta iniciada pelos camponeses de Talhadas e seguida pelos do Préstimo interessa a todos os povos das freguesias vizinhas que têm problemas semelhantes. Se todos eles seguirem o exemplo de Talhadas e do Préstimo, fazendo reuniões, nomeando comissões e redigindo abaixo-assinados com as suas reclamações, maior força terão para conquistarem o que de direito lhes pertence. Quanto mais forem e mais unidos estiverem, melhores possibilidades têm de vencer!